

# Confluências em Trieste

*Em nove ensaios, o italiano Claudio Magris reflete sobre a complexidade do ser humano e resgata a miscelânea étnica que deu origem à sua região natal*

**G**anhador do prêmio “Príncipe das Astúrias” de 2004, o italiano Claudio Magris é o autor da obra “Microcosmos”, de onde foi tirado o metalingüístico trecho citado em destaque.

Um dos mais lúcidos analistas da realidade europeia, Magris tem sua opinião solicitada muito frequentemente pela mídia mundo afora. Professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Trieste, ele traduziu para o italiano obras de Ibsen e de Kafka, entre outras.

A paixão por transitar entre diferentes culturas e mundos e construir pontes entre eles ajuda a explicar o fascínio do autor pela grande miscelânea humana que é a sua região natal, Trieste. Em **Microcosmos**, conjunto de nove ensaios, o autor faz reflexões complexas sobre personagens tão multifacetados e ricos quanto a própria vida.

Privilegiadamente localizada junto ao mar Adriático, Trieste sempre foi alvo de acirradas disputas políticas e econômicas. Fundada pelos romanos em aproximadamente II d.C, a cidade foi

depois invadida pelos hunos e mais tarde dominada pelos bizantinos. Pertenceu também ao império austro-húngaro, sendo incorporada à Itália somente após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918.

A influência de tantos costumes fez com que essa região se tornasse muito rica em referências históricas: um lugar verdadeiramente multicultural.

Como diz o autor em um dos trechos mais significativos do livro: “(...) homens e povos são trigo para a história que os mói; na hora dói e ficam manchas de sangue no chão, depois elas secam e o pão que daí resulta é bom”. Ele se refere, no caso, aos cólquidas, gregos, romanos, ístrios, liburnos e outros tantos ilírios, godos, francos, bizantinos, eslavos, venezianos, sarracenos e

croatas, além de franceses, austríacos, italianos, alemães e iugoslavos. Estes, os muitos povos que formaram Trieste - e ainda a formam, no sentido de que ainda a transformam por meio da interação da história e das raízes coletivas com o presente.

Magris traça o seu abrangente retrato da cidade e das regiões vizinhas sob as perspectivas histórica, cultural, geográfica e filosófica. São vários os lugares que dão origem aos nove capítulos do livro: o “Café San Marco”, onde podemos encontrar os mais diversos tipos de seres humanos prontos para serem observados (“uma Arca de Noé, onde, sem favoritismos nem exclusões, há lugar para

todos”); Malnisio, a cidade da comovente personagem Esperia, que se apaixonou platônica e obsessivamente por um oficial emiliano e virou uma espécie de lenda local; a pequena Grado, rodeada por várias ilhas e representante das culturas adriática e mediterrânea; Sviscaki, área de florestas próxima à Eslovênia onde são famosos os ursos selvagens;

**“(...) Escrever também serve para isto, para nos distrair da morte. Prados, colinas e declives são constelados de masi e fazendas; mesmo essa vida de troncos espalhados pelas encostas da montanha tem seus historiógrafos totalizadores, que guerreiam contra o tempo registrando todo detalhe, sem negligenciar uma só cabana velha em seu lento apodrecimento. (...) Narrar é guerrilha contra o esquecimento e convivência com ele; se não houvesse a morte, talvez ninguém narrasse”.**

Cambiano, citada pelo autor como parte do Piemonte, a qual teve que “despiemontizar-se” para comandar a unificação italiana ocorrida no século XIX; Canidole, região próxima à Croácia e que se viu envolvida - até emocionalmente - nas sangrentas guerras iugoslavas do fim do século passado; o Tirol, onde estão os italianos mais alemães e austríacos do mundo; ou seriam os alemães e austríacos mais italianos de todos?

As habilidades intelectuais do autor são requisitadas o tempo todo, e são sempre embasadas pela história e pela memória. Entretanto, nada disso impede um quê de “perfume literário” nas histórias relatadas: ele inclusive cita, em uma passagem, ninguém menos que Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. A ideologia de Magris também aparece de forma clara, porém dosada e pertinente: é nítida a sua posição a favor de um mundo onde o conceito de país deva ser relativizado em prol da noção de uma comunhão geral entre os povos.

A narrativa é bem detalhada e funde o singular no universal. O tempo e o espaço são atravessados como

se o autor estivesse munido de uma grande corrente capaz de interligar eventos particulares da região aos mais relevantes acontecimentos da história européia. Mais uma razão pela qual essa leitura se torna instrutiva e prazerosa. Também chama a atenção o jogo feito entre as delicadas questões da alteridade e da identidade, vitais em uma região tão heterogênea histórica e culturalmente.

Os perfis humanos certamente merecem destaque. Cuidadosos, apurados, curiosos, sensíveis, inteligentes e certos, eles se espalham pelo livro todo - para deleite do leitor. Todos são tão importantes para a compreensão da realidade local que podemos nos arriscar a dizer que **Microcosmos** também se aventurou - com sucesso - pelo gênero do livro-reportagem. 📖

### Microcosmos

Claudio Magris

Editora Rocco / 251 págs.



Reprodução

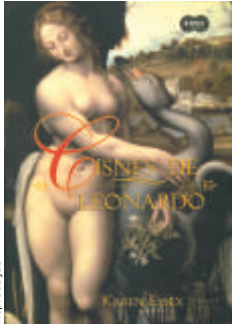
## Trecho da obra

“Marin possuía a épica auto-suficiência das crianças e de certos velhos, que simplesmente são, assim como a natureza, e não dependem do olhar alheio (...). Sentiu profundamente o trágico dissídio imanente à vida e ao seu transcorrer, ao seu nascer e perecer; sentiu-o no plano filosófico, no plano religioso, no plano histórico, e também no drama da Itália oriental e adriática, do qual foi testemunha e participante desde a Primeira Guerra Mundial até a adesão ao fascismo, passando pela milícia do CLN [Comitê de Libertação Nacional] e pelo difícil segundo pós-guerra. 'Se o Espírito do Mundo decidiu apagar a milenária estampa vêneta do mundo adriático oriental', dizia, 'baixarei a cabeça e direi *fiat voluntas tua*, mas em seguida, por minha conta, vou acrescentar: maldito', completando a clássica blasfêmia.

Acima de qualquer conflito, ainda que sofrido, Marin disse sim, amém à vida plena, para além do bem e do mal. Via e ouvia em toda a parte, mesmo na dor e na morte, a unidade desta, a possuía com uma inebriada e inquietadora sensualidade que achava no céu de verão, mas também as gaivotas

mortas na areia, já a caminho da dissolução, ele as apanhava quase com desejo. Para ele, a eternidade das criaturas era o significado delas na vida do todo, a crista da onda no mar, não mortificada por sua rápida quebra. Sua poesia toda canta essa unidade em que cada existência floresce e murcha, como a planta que morre e renasce.

Portanto, mesmo na tragédia, a vida era para ele um canto, um sim: Marin ignorava aquele não que, mesmo amando as pessoas, os animais, as plantas, as coisas vivas, é preciso por vezes saber dizer ao universo, ao *big bang* e a todo o carnaval sanguinolento que se seguiu, se quisermos prestar atenção não somente ao pranto de Aquiles, mas também à ganideira desesperada do sofrimento abjeto e sem nome, que nem sequer consegue ter voz. Mas o amor de Marin pela vida não tinha nada de edificante; era o forte amor pelos encantamentos de que ela é rica, apesar de tudo, e que sua poesia colheu e recriou com um feitiço musical que parece brotar do murmúrio do porvir, quase ainda aquém do dizível, canto de sereias anterior à razão e à história.”



**Cisnes de Leonardo** conta a história das duas herdeiras mais velhas da casa d'Este: as irmãs Isabella, tornada marquesa de Mântua; e Beatrice, duquesa de Milão.

Diferentes em personalidade e aparência, elas irão competir veladamente pela glória no ambicioso mundo da nobreza

européia e pela atenção de um dos príncipes mais influentes da península itálica, Ludovico Sforza (marido de Beatrice). O prêmio maior seria a imortalidade em um quadro a óleo feito pelo pintor e engenheiro da corte de Milão, ninguém menos do que o *magistro* Leonardo da Vinci.

Isabella - a irmã bonita, desejada e prendada - acaba por mostrar-se não tão segura assim das suas tantas qualidades, pois precisa o tempo todo reafirmar aos outros e a si mesma o quanto tem mais encantos e erudição do que a irmã. Já Beatrice, antes a pobre coitadinha da família que por pouco é esquecida pelo noivo e não se casa, amadurece como mulher e revela-se hábil no campo da política.

Aliás, em um contexto em que a guerra era sempre iminente e as alianças entre os nobres absolutamente voláteis, as jovens irmãs tinham de colocar suas emoções e medos de lado e pensar politicamente

como chefes de Estado que eram. Um grande e belo desafio para meninas que se casavam aos 15 anos - esperando, ingênuas, amor dos maridos arranjados.

No livro, o inventor e artista da Vinci aparece pitoresco e adorável. Louco para se dedicar aos seus minuciosos estudos sobre a anatomia, a luz, a engenharia e tantas outras coisas, ele infelizmente precisava lutar para manter a si e a seus auxiliares. Subordinado economicamente aos seus benfeitores, precisava desperdiçar o seu gênio decorando salões para festinhas e pintando paredes.

Além de dar ao leitor um vislumbre do que seria a vida dos nobres no olho do furacão renascentista, a autora Karen Essex abre cada capítulo com um diferente trecho do diário que da Vinci escreveu ao longo da vida. Premiada jornalista e roteirista de cinema, ela já teve seus livros traduzidos em vinte idiomas. Seus artigos e ensaios são publicados em revistas como Vogue e Playboy.

### **Cisnes de Leonardo**

Karen Essex

Editora Suma de Letras / 324 págs.



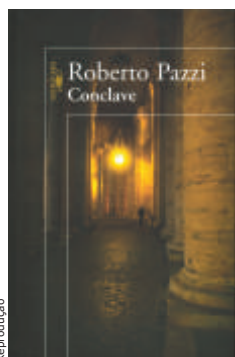
Italo Calvino foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Nascido em Cuba, ele escreveu toda a sua obra na língua de Dante - até porque sua família voltou para a Itália logo após seu nascimento.

No clássico **O cavaleiro inexistente**, obra de 1959 que ganhou esta edição mais

moderna, são narradas as aventuras do paladino Agilulfo, acompanhante, na França medieval, do imperador Carlos Magno. Agilulfo é, na verdade, um

vazio dentro de uma armadura branca, impecável e imaculada, de cujo interior ressoa uma voz metálica.

Nessa espécie de romance de cavalaria às avessas, o que menos importa são os feitos. Todos os personagens se apresentam dentro de um contexto fabuloso e mítico, e é neles que está o foco. Com um texto ágil, bem construído e deliciosamente irônico, Calvino põe em ação sua brilhante capacidade alegórica e também sua verve humorística. Um dos trechos mais notáveis nesse sentido é a confissão da freira-narradora, a quem coube a penitência de relatar



Reprodução

O romance **Conclave** narra os meandros da escolha de um novo papa. Cheia de elementos fantásticos, a história objetiva traçar uma bem-humorada radiografia da sociedade atual e tocar em assuntos delicados para a Igreja Católica.

Durante a reclusão dos cardeais, o Vaticano é atacado sucessivamente por hordas de ratos, escorpiões e morcegos. A única solução encontrada para minimizar o estrago foi lotar o lugar de gatos e galinhas, para que eles espantassem as pragas.

Alguns prelados morrem misteriosamente. Cardeais africanos celebram estranhíssimos rituais de magia negra. Outros conversam com mortos. E vários questionam a própria fé enquanto são pressionados pelos líderes mundiais para escolherem logo o sumo pontífice.

O fio condutor da obra é a ótima e enigmática consciência do cardeal de Turim Ettore Malvezzi, um dos menos “papáveis”. Em meio a tamanho caos e desordem, ele descreve com minúcias as estratégias de seus colegas. Grupos se unem contra a candidatura sempre mais provável dos italianos, e os italianos procuram se unir contra esses grupos. As jogadas geopolíticas são relatadas friamente como

parte corriqueira de qualquer conclave - o que é uma grande verdade. A ala mais tradicional da Igreja vê-se dividida entre o desejo de selecionar um papa por pura inspiração do Espírito Santo e a vontade de se livrar logo dessa estressante tarefa e retomar o contato com o mundo exterior.

Ao longo do interminável conclave e da sucessão de acontecimentos surreais, Malvezzi começa a sentir cada vez mais fraca a sua percepção sobre o que é realidade ou não. “*Talvez a insanidade seja assim: um velho hábito que não temos tempo para cuidar, sempre à espera de um momento mais oportuno, até que finalmente se torna tolerável, quase insignificante*”, pondera o atormentado personagem. Roberto Pazzi é poeta e romancista. Bastante premiado, sua narrativa em **Conclave** é de fato bem-feita e refinada, mas o autor não chega a ser o sucessor de Ítalo Calvino - como alardearam alguns críticos mais apressados.

### Conclave

Roberto Pazzi

Editora Objetiva / 253 págs.

a história: (...)“*excetuando-se funções religiosas, tríduos, novenas, trabalhos de lavoura, debulha de cereais, vindimas, açoitemento de servos, incestos, incêndios, enforcamentos, invasões de exércitos, saques, estupro, pestilências, não vimos nada. O que pode saber do mundo uma pobre freira?*”(...).

Além do cavaleiro, são apresentados Gurdulu, o bizarro escudeiro, e Rambaldo, o jovem que descobre o mundo e o amor em meio à guerra. Temos também Torrismundo, que busca pôr à prova a sua identidade. Por último, Bradamante, uma cavaleira que, mesmo tendo todos aos seus pés (ou melhor, exatamente por isso), busca o impossível e se apaixonou pelo cavaleiro

inexistente. O texto simples e fácil do autor oculta na verdade uma enorme riqueza de interpretações possíveis. A mais evidente delas soa como um grande elogio ao humanismo: a insegurança de Rambaldo, perdido nas incertezas que o cercam, destaca-se de forma bela no contraste com os extremos morais intolerantes, inflexíveis e até desagradáveis de Agilulfo.

### O cavaleiro inexistente

Ítalo Calvino

Editora Companhia das Letras / 133 págs.